

Entrevista a Mário Raposo, vice-reitor da UBI

“A Universidade deve criar nos seus alunos um espírito empreendedor”

Mário Raposo considera que já existem instituições de Ensino Superior suficientes em Portugal e a aposta deve ser feita no sentido da qualidade. O vice-reitor defende que “a UBI deve criar nos seus alunos um espírito empreendedor” e lembra que a ligação entre as instituições do Ensino Superior e as empresas é cada vez mais importante.

Catarina Rodrigues e Eduardo Alves

Urbi – Como vice-reitor quais as principais funções que desempenha?

Mário Raposo – Trabalho na área das relações entre a Universidade e o exterior, mas também na preparação de candidaturas a projectos. Outra das áreas onde também estou envolvido é na avaliação de vários cursos, feita a nível nacional. Ainda como vice-reitor tenho representação no Senado. Desde a criação do Senado que faço parte dele. Primeiro como representante dos professores assistentes, depois dos associados e agora como vice-reitor.



“A UBI soube dar às empresas o que elas precisavam”

U – A UBI tem vindo a apostar no campo do empreendedorismo. Como explica esta escolha?

M. R. – É uma área que faz falta no País e nas próprias Universidades. Em consonância com outros colegas, temos vindo a introduzir cadeiras dessa área em vários cursos. Isto porque, consideramos que a Universidade deve criar nos seus alunos um espírito empreendedor. É aqui que se deve começar a desenvolver o empreendedorismo de base tecnológica, ou seja, estimular os alunos e investigadores a formar empresas. Veja-se o caso do Parkurbis, que vai ser inaugurado em Julho, onde se encontram já um conjunto de empresas que são resultado de apostas por parte de alunos e investigadores da Universidade.

U – Os jovens licenciados mostram-se pessoas com espírito activo e criativo?

M. R. – As universidades desenvolvem nos alunos, não só um conjunto de competências científicas que lhes permitem encarar o mercado de trabalho, mas também, um conjunto de conhecimentos que desenvolvem nesses mesmos alunos um espírito crítico para que tomem iniciativas. Há que aproveitar todos esses factores e levar a que se dêem passos que de outra forma jamais seriam dados. Há que espicaçar as mentes. No caso do empreendedorismo, não significa que todos os alunos tenham de criar uma empresa, mas devem tornar-se pessoas mais empreendedoras.

U – E os alunos estão a adaptar-se a esta realidade?

M. R. – É um processo algo difícil. Este tipo de pensamento deve ser induzido mais cedo, nos graus de ensino precedentes ao superior. Mas, ainda assim, continua a caber à Universidade estimular nos alunos um espírito empreendedor. No que respeita às cadeiras criadas em alguns cursos neste âmbito, tem havido uma boa abertura por parte dos estudantes. Os alunos têm participado em alguns concursos, como o Con-

curso Nacional de Empreendedorismo, em que 19 por cento dos projectos apresentados pertenciam a alunos da UBI. Das 20 melhores ideias seleccionadas no final, há elementos da UBI em quatro.

U – A UBI é parceira no projecto do Parkurbis. Qual o papel que espera ver desempenhado por esta estrutura?

M. R. – A função deste espaço é fazer a ponte entre o mundo académico e o mundo empresarial. Em grande parte dos casos, empresas e Universidade andam de costas voltadas. Isto porque a Universidade tem uma determinada característica, que é a valorização do conhecimento científico, do conhecimento académico. Por outro lado, as empresas são muito pragmáticas, queiram as coisas resolvidas muito rapidamente e não podem estar assentes em idealismos e teorias. Há portanto a necessidade de ligar estes dois mundos, até porque a ligação Universidade/empresa é cada vez mais importante. No caso do Parkurbis pensou-se numa estrutura que viesse desenvolver a relação entre o saber universitário e o mundo empresarial, conferindo-lhe uma nova perspectiva.

U – Como tem sido a relação entre a UBI e o meio empresarial?

M. R. – Tem vindo a melhorar cada vez mais. A UBI soube dar às empresas aquilo que elas precisavam. E as empresas viram na Universidade um parceiro para o desenvolvimento tecnológico e para o *upgrading* de ideias e recursos humanos. Na região existe um grande número de pequenas e médias empresas, daí que a UBI tenha feito um grande esforço de procurar chegar até essas mesmas entidades. A cooperação tem assim existido em vários domínios, o mais visível talvez, seja o dos estágios profissionais.

U – A criação de um Centro de Estágios ajudou a criar um maior entrosamento entre a Universidade e as empresas?

M. R. – Em 1996, alguns alunos do curso de Gestão desafiaram-me a

encontrar-lhes alguns estágios, de forma a poder ajudá-los a inserirem-se no mercado de trabalho. Nesse primeiro ano telefonei para algumas empresas, promovi alguns contactos e consegui encontrar vários estágios. Com o apoio da reitoria da UBI transformámos essa ideia num gabinete de estágios. Passados estes anos, todos os cursos têm ofertas de estágios. As empresas têm encarado isto de maneira bastante positiva. Hoje em dia já são as empresas que nos procuram. Daí que estejamos a pensar em tornar todo este processo mais fácil e aproximá-lo do aluno. Estamos a candidatar o Gabinete de Estágios a um projecto que nos permita criar uma linha informática com vários terminais espalhados pela UBI, onde o aluno possa consultar as ofertas de estágios e possa nesses mesmos terminais inserir os seus dados, os seus currículos e responder a esses anúncios.

U – Trinta anos de Ensino Superior na região e 19 anos de Universidade. Que análise faz da UBI no contexto regional?

M. R. – A UBI teve um impacto muito positivo na região, a vários níveis. Conseguiu trazer para a região o Ensino Superior e tudo o que isso significa. Como alguns recursos humanos não existiam, formámo-los. Fomos contratar pessoas estrangeiras, algo em que fomos criticados na altura, mas essa estratégia foi bem sucedida. Esta instituição trouxe sobretudo gente jovem para a Covilhã. A cidade passou por um processo de reestruturação industrial complexo que causou graves problemas sociais. A Universidade funcionou como um amortecedor social e económico dessa transformação e trouxe também uma mudança ao nível cultural e ao nível científico.

U – Assiste-se hoje a um decréscimo de alunos a concorrer à Universidade, mas a uma multiplicação de instituições e licenciaturas. Como olha para esta dualidade?

M. R. – O País já não precisa de mais instituições de Ensino Superior. Deve-se exigir às instituições que existem um ensino de maior qualidade

e uma actualização dos currículos das licenciaturas à realidade e à exigência que hoje em dia a sociedade e o mercado de trabalho colocam ao Ensino Superior. Uma instituição de ensino superior não é um conjunto de carteiras e de cadeiras, é uma instituição com um conjunto de quadros técnicos e humanos altamente qualificados. Não basta criar uma instituição. É necessário criar-se um corpo docente de qualidade e depois oferecer um ensino no mesmo patamar.

U – A UBI tem encontrado em Espanha, nomeadamente nas Universidades de Salamanca e da Extremadura, fortes aliados. Em que patamar estão essas parcerias?

M. R. – A Espanha é um país marcado pelas regiões e pelo facto da capital não estar perto do mar, mas sim no interior, o que leva a pensar a interioridade de uma outra forma diferente daquela que se pensa em Portugal. Temos conseguido chegar a formas conjuntas de investigação e de estudos, conseguindo algumas relações interessantes, quer com Salamanca, quer com a Estremadura, aqui com as Universidades de Badajoz e Cáceres, e com outras tantas instituições espanholas. Estas parcerias têm-nos permitido concorrer a projectos europeus, uma vez que estamos certos de que as parcerias internacionais são muito importantes. No futuro pretendemos alargar estas parcerias a outros países europeus e também ao Brasil.

U – Deve haver estratégias de competitividade entre as instituições de Ensino Superior?

M. R. – Num mundo cada vez mais global as instituições têm de encontrar os seus caminhos próprios. Num futuro próximo, as universidades terão de competir de igual para igual. Contudo, e devido a alguma mentalidade instalada no nosso País, assiste-se ainda ao preconceito de que tudo o que se faz em Lisboa, no Porto e em Coimbra é bom, fora dessas áreas, nada presta. Nem só a nossa Universidade, mas também outras instituições no interior do País têm demonstrado que as investigações feitas têm qualidade. Mas este é um processo que se ganha aos poucos, caminhando para um mesmo fim. A imagem da UBI tem vindo a mudar, notamos isso quando as empresas seleccionam alunos, fazem-no de forma geral, não limitam as escolhas a alunos formados nesta ou naquela Universidade, mas em todas. A UBI ganhou prestígio em áreas específicas o que leva os alunos a procurarem esta universidade como primeira opção.

perfil



Mário Raposo nasceu no Tortosendo, freguesia do concelho da Covilhã, a 27 de Maio de 1959. Na Escola Campos Melo frequentou o Curso Geral de Administração e Comércio e no ano lectivo de 1976/1977 torna-se aluno do então Instituto Politécnico da Covilhã (IPC), no bacharelato em Contabilidade e Administração. Este curso foi transformado em licenciatura de Gestão, a qual acabou por terminar já no Instituto Universitário da Beira Interior (IUBI), no ano lectivo de 1981/1982. Enquanto estudante, trabalhou como contabilista, continuando os estudos no período noturno. “Trabalhei em algumas empresas aqui da zona, o que me permitiu financiar uma parte dos estudos e obter o dinheiro para as despesas pessoais”, sublinha. Entra então na UBI como assistente estagiário a 10 de Outubro de 1983. “Vim leccionar as cadeiras de Auditoria, ao curso de Gestão, e Introdução à Gestão, no curso de Engenharia Têxtil”, recorda. Em 1989 ingressou num curso de pós-graduação na Universidade Autónoma de Barcelona, com o objectivo de realizar o doutoramento que apresentou na UBI em 1994. A colaboração com o Departamento de Gestão e Economia da UBI torna-se ainda mais forte e assume a direcção do mestrado em Gestão, onde ainda lecciona algumas cadeiras de Marketing e Estratégia. A progressão na carreira conduz Mário Raposo a professor associado, em 1998. “Nessa altura fui convidado para assumir a pasta de vice-reitor, então deixada vaga pelo professor António Fidalgo, visto que este tinha ido para os Estados Unidos, com a finalidade de realizar estudos”. Uma função que advém também do facto de já ser pró-reitor da UBI para as relações com o exterior. É assim que surge o Centro de Estudos de Desenvolvimento Regional, onde foram feitos alguns estudos que tiveram impacto na região. Recorda o Parque de Ciência e Tecnologia, Parkurbis, um projecto que foi desenvolvido e coordenado por esta estrutura. Outro dos projectos onde este organismo conseguiu vingar foi na criação e desenvolvimento do Cybercentro da Covilhã. Já em 2002 faz a sua agregação e em 2003 passa a catedrático do Departamento de Gestão.

Nos tempos livres, Mário Raposo descansa. “Costumo dizer que nos tempos livres não faço nada. O meu hobbie é, de facto, descansar, sentar-me no sofá a ver televisão ou ler um livro”.